

Tecnologias, currículo e formação docente

Jener Gonçalves*

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) são realidade em muitas instituições de ensino no Brasil. Porém, elas não estão integradas a uma proposta curricular que permita o domínio dos usos e funcionalidades disponíveis, não possibilitando assim a percepção de suas potencialidades pedagógicas para que o professor possa incorporá-las às suas práticas de ensino. São inúmeras as razões para que isso ocorra. Entretanto, proponho analisar um fator crucial: o tempo.

O desenvolvimento tecnológico ocorre muito rápido, e quando o professor adquire o letramento do hardware ou do software, logo em seguida ocorrem novos lançamentos no mercado. Por um lado, isso é positivo, pois permite a variação de ritmos e estratégias nas atividades pedagógicas; por outro, dificulta as

possibilidades de usos e apropriações por parte dos docentes. Esse fator é crítico, pois se o professor não consegue se apropriar do recurso oferecido, dificilmente conseguirá desenvolver uma aplicação relevante e integrá-la de maneira significativa à sua área do conhecimento.

Esse processo de apropriação é complexo e demanda tempo. Tempo para desenvolver um conjunto de multiletramentos midiáticos inerentes às tecnologias emergentes. Entre tais letramentos, podemos citar o de tela/interface, o de máquina, o de mídia, o de design da informação, o visual, o informacional e o crítico. Caso essas habilidades e competências sejam trabalhadas de forma isolada, dificilmente os professores irão desenvolver aplicações e apropriações inovadoras em seus contextos de trabalho.

Ainda tratando do fator tempo, os cursos de formação continuada poderiam equacionar alguns dos problemas citados. Entretanto, em sua maioria, eles são, na verdade, descontinuados, porque têm duas estruturas básicas. A primeira seria aquela que focaliza os aspectos tecnológicos, ou seja, ensina como máquinas e programas funcionam. A segunda prioriza o pedagógico, utilizando a tecnologia como um mero suporte para as práticas de ensino, ignorando que essas ferramentas instauram novas linguagens e habilidades quando integradas ao contexto educacional. Dessa forma, com abordagens excludentes e desarticuladas, não há currículo que resista, pois mesmo que a escola esteja adequadamente equipada com os mais recentes artefatos tecnológicos, os resultados não vão aparecer. E, para finalizar, um comentário provocador, para que docentes e gestores escolares repensem a estrutura de seus currículos. A tecnologia deve ser utilizada para mediar o processo, porém, jamais se deve desenvolver o trabalho inteiramente baseado nela. As soluções estão nas cabeças, não nas máquinas. ■

© Tombaky / Photoexpress

*Mestre em História, consultor em Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação, autor da Rede Católica de Educação

www.redecaticadeeducacao.com.br